

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

**EXPLORANDO AS VIVÊNCIAS DE INGRESSANTES POR COTAS RACIAIS NO CURSO DE
BIBLIOTECONOMIA EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS BRASILEIRAS: UMA ABORDAGEM PELA
HISTÓRIA ORAL**

***EXPLORING THE EXPERIENCES OF RACIAL QUOTA ENTRANTS TO THE LIBRARY SCIENCE
COURSE IN BRAZILIAN PUBLIC INSTITUTIONS: AN ORAL HISTORY APPROACH***

Kariane Regina Laurindo - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Rubens Alves da Silva - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Este resumo expandido advém de pesquisa em desenvolvimento, a qual aborda a temática das cotas raciais no ambiente dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas. Tem como objetivo geral apresentar uma metodologia que permita identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais dos cursos de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras. Pesquisa de abordagem qualitativa e bibliográfica. Como resultado, foi identificado que o método de História Oral possibilita o alcance do objetivo geral da pesquisa em andamento. Concluímos que, com o método será possível coletar os discursos dos ingressantes por cotas raciais nos cursos e compreender suas vivências enquanto pessoa cotista racial.

Palavras-chave: Ações afirmativas; cotas raciais; lei 12.711/2012; história oral.

Abstract: *This expanded abstract comes from a research project under development, which deals with the issue of racial quotas in the context of Library Science courses at public universities. Its general aim is to present a methodology that allows us to identify the perceptions of those entering through racial quotas in Library Science courses at Brazilian public institutions. This is a qualitative, bibliographical study. As a result, it was identified that the Oral History method makes it possible to achieve the general objective of the research. We conclude that using the method it will be possible to collect the speeches of racially-quotaed entrants to the courses and understand their experiences as racially-quotaed people.*

Keywords: *Affirmative action; racial quotas; law 12.711/2012; oral history.*

1 INTRODUÇÃO

Em 2022, a Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de cotas, completou uma década. Essa lei versa sobre políticas de ações afirmativas para o ingresso no ensino superior, com o objetivo de promover a equidade entre as diferentes camadas sociais e étnico-raciais no Brasil (BRASIL, 2012).

Dentre suas atribuições, o sistema de cotas foi criado para fomentar a democratização atual, em que o Estado viabilize a equidade no ensino superior para acolher pessoas que

historicamente foram marginalizadas e discriminadas ao longo do processo sócio-histórico brasileiro. Assim, busca-se proporcionar algum meio de reparar incontáveis séculos de injustiças sofridas por um longo período do sistema escravocrata, que subordinou a população negra a uma estrutura de subalternização, tanto durante o período de escravidão quanto após a abolição.

Refletindo sobre o papel da Ciência na perpetuação de concepções falhas, como as teorias evolucionistas do século XIX (SCHWARCZ, 1993), questiona-se: qual foi a posição adotada pela área da Biblioteconomia e Ciência da Informação ao longo desse percurso? Tendo em vista que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como campos de atuações relevantes na disseminação da informação, ocupando posições refletidas na divulgação e manutenção da pesquisa científica, é importante compreender como os futuros profissionais da informação, como os cotistas raciais que se tornarão bibliotecários, por exemplo, compreendem a lei que possibilitou sua entrada em uma instituição pública? Como os futuros profissionais negros e negras da área de biblioteconomia se situam dentro dessas instituições?

Portanto, levando em consideração a construção e implementação de uma política de cotas que possibilita a entrada de grupos étnico-raciais em instituições de ensino público, surge a seguinte questão de pesquisa: como as percepções e vivências, de alunos cotistas raciais, podem ser captadas sob uma metodologia que os descreva com o máximo da sua totalidade, respeitando a oralidade destes indivíduos para torná-las uma produção acadêmica e científica.

O objetivo geral desta pesquisa é: **identificar uma metodologia capaz de coletar e analisar a percepção dos ingressantes por cotas raciais no curso de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras em relação às suas vivências enquanto pessoas cotistas raciais.**

Essa pesquisa contribui tanto do ponto de vista epistemológico quanto político. De forma epistemológica pelo fato de a questão estar em emergência tanto na produção de conhecimento no campo, quanto em sintonia com a ocorrência em outras diversas áreas do conhecimento (antropologia, geografia, psicologia/psicanálise, sociologia etc).

E o acionamento da categoria “política” encontra afinidade com o pensamento de Judith Butler consoante ao compromisso “ético e político” que deve ser considerado no contexto das produções acadêmico e científicas (BUTLER, 2018), portanto, a pesquisa leva a sério a preocupação com a formação de estudantes de Biblioteconomia e CI, conscientes e

críticos da realidade social que estão inseridos, isto é, da importância do “protagonismo” do seu papel e sua atuação enquanto profissional da área (GOMES, 2017).

Isto posto, a pesquisa se justifica no 12º Grupo de Trabalho do XXII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), que visa o diálogo científico sobre: “Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais” (ENANCIB, 2022, não paginado), além das oportunidades de ampliação desse debate dentro dos campos da CI e Biblioteconomia.

O percurso metodológico da pesquisa é de natureza aplicada, em relação ao problema de pesquisa, é de abordagem aplicada, qualitativa, descritiva e exploratória. Como procedimentos técnicos, ressalta-se a pesquisa bibliográfica.

O presente resumo compreende pesquisa em desenvolvimento, cuja temática provém da investigação sobre cotas raciais no ambiente dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas. Assim, convém aqui mencionar que a opção pela metodologia de História Oral, pautada neste resumo, se deve à pesquisa mencionada.

2 AÇÕES AFIRMATIVAS

O movimento negro foi/é indispensável para a comunidade negra brasileira devido as muitas conquistas em diversos campos, sendo atuante na organização de sindicatos trabalhistas, nas Organizações não Governamentais (ONGs), nas políticas públicas específicas, nas ações afirmativas, dentre outras como bem cita Petrônio Domingues (2008).

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2002, p. 210) ressalta a importância do movimento negro, no que tange aos,

Avanços significativos se processaram no combate ao racismo do ponto de vista legal, constituindo uma nova e vigorosa área de atuação e produção de conhecimento, a do “Direito e Relações Raciais”, com crescente engajamento de operadores do direito, instituições jurídicas e a proliferação dos SOS Racismo, tanto no Brasil como em alguns países da América Latina.

A autora também salienta o avanço na organização das comunidades remanescentes quilombolas, nos meios de comunicação, além do movimento feminista negro e outros que são expressões da luta negra por direitos básicos e por humanidade (CARNEIRO, 2002).

Na educação, o movimento negro mostra-se presente em cruciais vitórias obtidas, para a população negra como, a inserção nos currículos escolares no ensino fundamental e médio

de escolas públicas e privadas, da temática sobre a história e cultura afro-brasileira, bem como o estudo sobre Áfricas, com a tentativa de desconfigurar a tradição dos livros didáticos vinculados a estereótipos racistas (CARNEIRO, 2002; DOMINGUES, 2008).

Da mesma forma, no campo da educação, o movimento negro vigora na luta por ações afirmativas compreendidas no programa de cotas raciais para o ensino superior, gerando discussões para a criação de projetos de lei (DOMINGUES, 2008). Como a Lei Federal nº 12.711, que reserva uma porcentagem das vagas em Instituições de Ensino Superior Público para candidatos que se autodeclarem negros, sancionada em 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012).

Contudo, faz-se importante mencionar as instituições pioneiras na promoção de ações afirmativas das cotas raciais, destaca-se a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que seguiu a Resolução nº 196 de 2002 no vestibular de 2003 (VAZ, 2022). Em 2003, a Universidade do Norte Estadual Fluminense, (UENF) do Rio de Janeiro, abriu edital para processo seletivo por reserva de vagas e, também, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) adotou o procedimento, em obediência à Lei Estadual nº 4.151/2003 (CAMPOS, 2005). Na esfera Federal, por iniciativa própria, a Universidade de Brasília (UnB) aderiu em 2004 ao regime das cotas raciais (CAETANO, 2015).

As políticas de ações afirmativas, principalmente no ensino superior, passaram a ser uma conquista para a comunidade negra, e com ela surgiram as inúmeras indagações contrárias a essa lei, moldadas em discursos com falas racistas. Nesse sentido, Santos (2012, p. 405) explica que,

[...] a resistência à adoção de políticas de ações afirmativas no ensino superior, notadamente cotas para negros, tem se pautado nos seguintes argumentos: o do mérito (“a meritocracia individual estaria sendo negada na adoção do sistema de cotas”), o da definição de quem pode ser considerado negro (“o Brasil é um país mestiço”) ou mesmo o jurídico (“a regulamentação de cotas é o reconhecimento da existência de discriminação do ponto de vista jurídico legal”).

Santos (2012), nesse entendimento colabora com o trabalho intitulado “Ações afirmativas e educação superior no Brasil: um balanço crítico da produção”, no qual o autor elabora pesquisa que destaca a crescente dos estudos acadêmicos de 2001 a 2011 sobre a adoção de políticas afirmativas no ensino superior. O estudo faz uma observação da permanência dos ingressantes cotistas nas universidades ao demonstrar uma equiparação

entre os alunos não cotistas e o seu rendimento escolar entre os optantes por cotas raciais em diferentes áreas do conhecimento.

Como resultado, Santos (2012) apresenta uma equiparação que desmistifica argumentos de que cotistas não teriam a mesma qualidade no desenvolvimento acadêmico. A contribuição do autor se fez um ano antes de sancionada a Lei nº 12.711/2012, a qual já demonstrou um salto considerável na aplicação das cotas raciais para a comunidade negra dentro dos ambientes acadêmicos (VAZ, 2022).

À vista disso, compreender as ações afirmativas, principalmente as cotas raciais para o campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia, está alicerçado na discussão a respeito da informação para o âmbito étnico-racial. Que, de acordo com Oliveira (2010, p. 56-57),

[...] o conceito de informação etnicorracial incorpora dois aspectos: um objetivo e um subjetivo. O primeiro diz respeito aos conteúdos disponibilizados nos diversos suportes informacionais. O segundo refere-se ao potencial de produção de conhecimento acerca dos fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais de um grupo étnico. [...] O conceito de informação etnicorracial aplicado a afrodescendência permite-nos dizer que engloba a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, todo material informacional visual e não-visual – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das ONGs, Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc, produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana.

Assim, definido na perspectiva de uma produção documental negra considera-se o conceito de informação étnico-racial para a presente pesquisa. Retomando sobre a responsabilidade da CI e Biblioteconomia, considera-se que é por meio da sua organização e representação que pesquisadoras e pesquisadores podem reduzir os efeitos da invisibilidade das temáticas étnico-raciais constatadas na academia.

3 HISTÓRIA ORAL

A pesquisa aqui relatada, consiste em apresentar uma metodologia que possibilite a reunião dos discursos de pessoas ingressantes nos cursos de Biblioteconomia via cotas raciais.

Uma metodologia que seja capaz de possibilitar aos ingressantes cotistas, o registro das suas memórias - e no entendimento de memórias as suas percepções e vivências -, para que outros possam ter conhecimento da sua visão quanto a um grupo social ao qual estão inseridos e são pertencentes, possibilitando que se reconheçam entre si.

Assim, apresenta-se a metodologia de História Oral. A opção pela metodologia como já mencionada está relacionada à pesquisa em desenvolvimento, contudo cabe brevemente mencionar o porquê da escolha por tal método e não outros como por exemplo o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), História de Vida ou Análise de Bardin.

Primeiramente pela familiaridade dos autores com o método de história oral que possibilita estudos sobre memória e a importância dela para o fortalecimento do povo negro, além de sua construção a partir da oralidade.

A História Oral possibilita aos estudantes cotistas a documentação de suas memórias, permitindo que outros adquiram conhecimento de suas perspectivas em relação ao grupo social a qual pertence. Além disso, enfatizamos a singularidade de cada relato, individualizando cada discurso, uma vez que o propósito é garantir que cada experiência seja igualmente valorizada na construção da pesquisa.

A metodologia dedica-se a compreender e aprofundar aspectos de uma determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos e as relações do cotidiano. As informações necessárias para a elaboração são transmitidas por meio de diálogos com pessoas (narrativas orais) que, ao compartilharem suas lembranças pessoais, entenderam para uma compreensão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias fases da trajetória do grupo social ao qual estão inseridas, avaliando a importância desses eventos em suas próprias vidas (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 8).

A metodologia caracteriza-se através de um conjunto de procedimentos, iniciando com: a elaboração de um projeto, o encontro com os entrevistados/colaboradores, a gravação da entrevista, a transcrição da entrevista, conferência pelo entrevistado/colaborador do produto escrito, autorização para uso, arquivamento das gravações e publicação dos resultados (MEIHY; HOLANDA, 2015).

Compreendendo que o nosso objeto de estudo são as pessoas cotistas raciais, dos cursos de Biblioteconomia, são as narrativas destas pessoas que construirão o cerne da pesquisa. Em vista disso, a metodologia de história oral é adequada para alcançar o objetivo, pois ela, a história oral, compreende a subjetividade dos sujeitos, respeitando-as indiferente de pré-conceitos sociais. De acordo com Meihy e Holanda (2015, p. 72),

Como o método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas com atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises. História oral como metodologia implica formular as entrevistas como um

epicentro da pesquisa. Tudo giraria em torno delas, que atuariam como força centrífuga das preocupações.

Para o âmbito da Biblioteconomia e CI as entrevistas oriundas da metodologia de história oral representam uma fonte de informação. Sobre fontes de informação, para os autores que a abordam, tendo como exemplo, Paiva, Santos e Nascimento (2014, p. 57), trata-se de uma perspectiva positivista, “[...] todos os documentos gerados pelo sistema de comunicação científica são considerados fontes de informação”.

Já Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33) inferem que, “[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos”. Desta maneira, as narrativas das pessoas cotistas contribuem efetivamente para as áreas da Biblioteconomia e CI construindo um **documento oral** perfeitamente integrado ao conceito de informação étnico-racial, contribuindo para as pautas antirracistas dentro dos campos.

Para isso, faz-se importante mencionar que, para a pesquisa, o processo de história oral será o de abordagem temática que, como versam Meihy e Holanda (2015, p. 38),

A história oral temática é a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional. Aliás, o caráter documental decorrente das entrevistas é o cerne desse ramo.

Compreendendo que a presente pesquisa, pode gerar um documento para posterioridade, o uso da metodologia conta com etapas que garantem então, a composição desse documento oral capaz de colaborar com o montante do acervo da temática étnico-racial dentro da Biblioteconomia e CI. Como já mencionados as etapas para aplicação da história oral de acordo com Meihy e Holanda (2015) elas perpassam pela¹,

1. **Elaboração de um projeto**, conciso e fundamentado teoricamente;
2. **A busca e marcação dos encontros com entrevistados**, que deve compreender ao grupo que representa a comunidade a ser analisada (é importante mencionar que quando se refere a comunidade os autores não ficam restritos a comunidade como um conjunto de habitantes residentes de um mesmo espaço geográfico, mas sim de um

¹ O percurso de metodologia de história oral ao qual a pesquisa se baseia está fundamentado na obra de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda intitulada “História Oral: Como Fazer, Como Pensar” de 2015.

grupo social que possuem elementos que os caracterizam como tal). De acordo com os autores nesta etapa define-se o melhor lugar para se realizar a entrevista²;

1. **A gravação da entrevista**, através de gravadores de áudio o vídeo ou qualquer outro recurso tecnológico capaz de fazer a captura das entrevistas com qualidade para o arquivamento e recuperação da mesma;
2. **A transcrição da entrevista**, compreende em escrever *ipsis litteris* exatamente tudo que foi falado pelo entrevistado, seus vícios de linguagem, gírias, risos, e até as expressões e reações que por ocasião venham a surgir durante a entrevista;
3. **Conferência pelo colaborador do produto escrito**, a conferência consiste em apresentar para o entrevistado a transcrição da sua fala, esse momento ao se ler o entrevistado pode tanto incluir mais itens, que talvez tenha esquecido, ou excluir dados que lhe convém tirar;
4. **Autorização para uso**, após a conferência da escrita da sua fala o entrevistado concede o uso da mesma para a exposição de resultados de pesquisa, nesta etapa os autores indicam que além do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) seja feita também uma Carta de cessão com explicação sobre o uso das entrevistas;
5. **Arquivamento das gravações**, o arquivamento deve ser realizado em plataforma digital com as transcrições e a gravação das entrevistas por um período mínimo determinado pelo pesquisador para possíveis recuperações necessárias;
6. **Publicação dos resultados**, a última etapa consiste em transcrever as entrevistas em forma de resultados encontrados na pesquisa, aqui são utilizados trechos que vão responder aos critérios de análise que pretendem responder aos objetivos da pesquisa, nessa etapa podem-se repetir trechos, utilizá-los unicamente ou em conjunto com outros documentos. A devolução dos resultados é condição básica para se justificar um projeto de história oral, pois a metodologia cumpre um papel social.

² Antes da pandemia do novo patógeno o COVID-19, para os autores as entrevistas deveriam ser em loco, contudo de acordo com Fabíola Holanda (2022), autora aqui utilizada, em entrevista, endossa que deve ser atualizado nas literaturas de história oral que as entrevistas podem e devem também serem realizadas via “Streams né?! A gente faz a gente fez entrevistas. As vezes a pandemia nos colocou nesse lugar de fazer entrevistas distanciados né?! Ou seja, pelo WhatsApp, por Google, por Skype né?! Então, a gente se foi colocado nesse lugar. Então, é um recurso moderno né?!” (HOLANDA; METODOLOGIA DE PESQUISA HISTÓRIA ORAL, 2022, trecho tirado a partir dos 17:07 min.). Entrevista na íntegra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=11utGjEoto&ab_channel=EDUJUSUFPA Acesso em: 20 mar. 2023.

Observadas as etapas que compõem a metodologia de história oral, a etapa das entrevistas, pode-se dizer, é o núcleo do método. Com o recurso do uso de gravadores a partir dos anos 1960, o que possibilita aos pesquisadores o ato de “congelar” as falas, discursos, depoimentos ou entrevistas (ALBERTI, 2005). Assim, “A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma versão [...]” (ALBERTI, 2005, p. 19).

Por isso, será utilizado como instrumento para a coleta de dados a técnica de entrevista semiestruturada. No entendimento de que na forma semiestruturada a entrevista pode ter mais fluidez, como citam Prodanov e Freitas (2013, p. 106),

[...] não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas; [...].

Desta maneira, espera-se que os entrevistados em um clima mais descontraído possam rememorar suas lembranças mais antigas, contribuindo com valorosos detalhes.

Pretende-se iniciar a entrevista com um questionário de caracterização que vai traçar o perfil dos respondentes, em seguida, em uma conversa fluída se inicia a entrevista voltada para questões que propicie o alcance dos objetivos propostos pela pesquisa.

E para a análise dos dados a técnica metodológica de História Oral também será utilizada. Empregada para coleta e análise de discursos, a história oral, visa apoiar o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de representações sociais, uma vez que por meio da coleta de depoimentos busca resgatar as representações sociais e possibilitar, a partir de sua técnica, a coleta de discursos independentes, **pois representam pensamentos e opiniões de um grupo mediante histórias individuais.**

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou o percurso metodológico para pesquisa em andamento que busca compreender através das percepções e vivências de alunos cotistas raciais dos cursos de Biblioteconomia a sua compreensão quanto ao seu status de pessoa cotista racial.

Como resultado da pesquisa que utilizará a metodologia da história oral, espera-se que, por meio desses discursos, possamos elucidar como um grupo, no caso, os cotistas raciais dos cursos de Biblioteconomia, concebem sua presença nos contextos da educação universitária.

Além disso, pretende-se fomentar discussões pertinentes tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional. A pesquisa pode contribuir como suporte teórico, viabilizando a formulação de políticas internas (específicas em instituições privadas, considerando que estamos tratando de futuros profissionais) e ações públicas para a promoção da equidade em diversas esferas da sociedade.

Dessa forma, podemos concluir que a metodologia capaz de avaliar a percepção dos ingressantes cotistas raciais nos cursos de Biblioteconomia de instituições públicas acerca de suas experiências como pessoas cotistas raciais é a História Oral.

Este método é capaz de descobrir e analisar dados obtidos por meio de entrevistas. Estruturada em várias etapas, que quando minuciosamente examinada, a História Oral gera documentos que atendem às exigências acadêmicas. Através das narrativas dos estudantes cotistas, esta abordagem contribui para a construção de um registro oral que se relaciona diretamente com o conceito de informação étnico-racial, permitindo que as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação desempenhem um papel eficaz na promoção de agendas antirracistas em seus respectivos campos de atuação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 236.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, Paraíba, v. 6, n. 2, p. 32-47, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50946>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Presidência da República: Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 12 jan. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAETANO, Érica. **História do sistema de cotas no Brasil**. 2015. Disponível em: <https://vestibular.mundoeducacao.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CAMPOS, Ana Cláudia Borges. **Políticas de ação afirmativa?: A implantação das "cotas" na Universidade Estadual do Norte Fluminense nos vestibulares de 2003 e 2004**. 2005. 161f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Campos dos Goytacazes, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. **Periódicos UFBA Caderno, Bahia**, v. 15, n. 36, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18633/12007>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Rio Grande do Sul, v. 16, p. 7-24, 2004. Disponível em: </periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**, Espírito Santo, n. 21, 2008.

ENANCIB. **GT 12: informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades**. Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/enancib2022/programacao/gt-12/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

HOLANDA, Fabíola. **Metodologia de pesquisa de história oral**. Universidade Federal do Pará (UFPA), EDUJUS, 2022. (1 vídeo, 2: 06 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=11utGjEeoto&ab_channel=EDUJUSUFPA. Acesso em: 06 maio 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como Fazer, Como Pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12880837/afrodescendencia-memoria-e-tecnologia-uma-aplicacao>. Acesso em: 06 maio 2023.

PAIVA, Eliane Bezerra; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NASCIMENTO, Genoveva Batista. Uso de fontes de informação por alunos de arquivologia. **Archeion Online**, Paraíba, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/14962>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de César. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Ações afirmativas e educação superior no Brasil: um balanço crítico da produção. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 93, n. 234, 2012.

Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-668120120002000008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 12 jan. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VAZ, Lívia Sant’Anna. **Cotas raciais**. São Paulo: Jandiara, 2022. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).